



DOMÍNGUEZ, Luis María García SJ. *O Livro do Discípulo: O acompanhamento espiritual*. Tradução de Raniéri de Araújo Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2024.

*Gustavo de Souza Araujo**

PUC-SP

*Reuberson Ferreira, MSC***

PUC-SP

Recebido em: 21/03/2025. Aceito em: 23/04/2025.

A obra **O Livro do Discípulo: O acompanhamento espiritual**, escrito por Luis María García Domínguez, SJ e publicado em 2024 pela Edições Loyola, é direcionado ao *discípulo*, à pessoa que, conforme indicado na apresentação, inicia ou continua um itinerário espiritual com a ajuda de outra pessoa. Domínguez é jesuíta e há muito tempo se dedica ao acompanhamento espiritual, sempre se baseia na escuta, no respeito e no acompanhamento personalizado, princípios que inspiraram Domínguez a escrever esta obra. Ao longo de sua vida, teve a oportunidade de vivenciar o exercício do acompanhamento espiritual, na posição de acompanhante e de acompanhado, e agora busca transmitir essa experiência para que outras pessoas se beneficiem e tenham a oportunidade de compartilhar seus desafios que diariamente enfrentam.

* Graduando em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, PUC-SP e Vice-Presidente do Centro Acadêmico Dom Helder Câmara na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, PUC-SP. Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção/UNIFAI (2023). Graduado Gestão de Recursos Humanos pela Universidade de Santo Amaro (2020). Obtendo bolsa pelo Programa Universidade para Todos (ProUni). Estudante pesquisador no Projeto de Pesquisa Ética Cristã e Pluralismo Antropológico: Estudo Hermenêutico e Crítico dos Desafios Contemporâneos, do Prof. André Luiz Boccato de Almeida.

E-mail: gustavoaraujo.puc@gmail.com.

** Doutor em Teologia pela PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo (CNPq) da CEHILA-BR e do Observatório Eclesial Brasil. Professor da Graduação e do Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia da PUC-SP.

E-mail: reubersonferreira@yahoo.com.br.



Em seu primeiro capítulo, Domínguez tenta responder à pergunta: “O que é o acompanhamento espiritual?” Ele nos convida a refletir sobre o papel do diálogo entre duas pessoas na vida cristã, destacando que “o acompanhamento espiritual cristão não nos exime do exercício adulto da nossa liberdade” (p. 13). O autor enfatiza que esse caminho de acompanhamento é uma jornada de liberdade, e não uma simples imposição de direções ou respostas prontas. Cada um é convidado a viver sua fé de maneira autêntica e pessoal. E, claro, existe uma terceira pessoa que deve conduzir o diálogo entre o acompanhado e o acompanhante, assim como a vivência e a prática do acompanhado. A terceira pessoa é o Espírito Santo, o próprio Deus, aquele que dá força, discernimento e guia os passos do acompanhamento espiritual.

O autor explica que o acompanhamento deve ser uma ajuda àquele que busca crescer espiritualmente de forma autêntica e pessoal e que sente a necessidade de um discernimento em suas ações diárias. O acompanhamento não é um processo técnico, mas uma jornada que envolve o coração e a espiritualidade, convidando o discípulo a refletir sobre suas relações.

A obra é dividida em cinco capítulos e um epílogo que abordam diferentes aspectos do acompanhamento espiritual. No primeiro capítulo, Domínguez começa esclarecendo “*O que é o acompanhamento espiritual*” (p. 11). Iniciar com essa definição é fundamental, pois ela estabelece as bases conceituais e orienta toda a estrutura da obra. Domínguez propõe uma compreensão, que antes de tudo, é um caminho de escuta e discernimento, em que duas pessoas buscam a vontade de Deus. Ele define essa prática como: “uma relação permanente entre duas pessoas, em que uma delas, por meio de conversas frequentes, ajuda a outra a buscar e a realizar a vontade de Deus, vontade essa buscada por meio do discernimento espiritual” (p. 14). A partir dessa definição, o autor apresenta diferentes tipos de acompanhamento, como os centrados na pessoa, na resolução de problemas e no processo espiritual (p. 19). Ampliando a compreensão e oferecendo subsídios para que cada discípulo, a partir do seu objetivo, encontre o caminho mais adequado à sua realidade.

O segundo capítulo: *Sobre o que falar no encontro*, Domínguez traça um percurso que se estende desde os primeiros encontros até as fases mais maduras do processo de discernimento, perpassando temas fundamentais da vida. O autor apresenta que nos primeiros encontros, a interação entre o acompanhado e o acompanhante podem ser mais



espontâneas, conforme as necessidades e as motivações que cada pessoa traz. Ao longo dos encontros, o diálogo pode abranger diversas questões como a vida cristã, a espiritualidade, a sexualidade e afetividade até os conflitos existenciais e eclesiais. Uma das reflexões centrais do capítulo é a afirmação de que a história pessoal é o espaço privilegiado da manifestação de Deus: “Podemos dizer que a história pessoal de cada um é o lugar onde Deus se manifestou” (p. 43). Assim, o acompanhamento espiritual torna-se um espaço privilegiado de discernimento, atento à história pessoal e à busca de responder ao chamado do Deus que se revela.

Terceiro capítulo: *Discernir a vocação*, o autor dedica-se exclusivamente ao tema do discernimento vocacional. Para Domínguez, esse importante tema ocupa diversos encontros, pois Deus chama a todos de maneiras diferentes e para projetos diferentes. “O sinal principal de uma vocação é sempre a experiência pessoal do Deus cristão que chama” (p. 75), afirma o autor, ressaltando que a vocação nasce, antes de tudo, de um encontro pessoal com Deus. Cabe, portanto, o dever de todo cristão descobrir o que Deus deseja, “exigindo sempre a livre decisão da pessoa” (p. 65). O acompanhamento espiritual é o espaço privilegiado para fazer com segurança e clareza, esse discernimento, justamente porque é tratado o sentido da vida e a decisão vocacional envolve a vida de cada discípulo. A tarefa do acompanhante, neste contexto, é ajudar o acompanhado a escutar e discernir os sinais de Deus, dos quais ele ainda não está consciente. Domínguez destaca três fases do discernimento, a primeira consiste em experimentar ou sentir as moções; a segunda é analisá-las individualmente e com outra pessoa experiente; e a terceira fase é a tomada de decisão. O discernimento feito a dois busca encontrar uma verdadeira clareza, que talvez, uma única pessoa, fechada em si mesma, não conseguiria. Assim, o acompanhamento espiritual torna-se o lugar onde, partindo desse encontro pessoal, é possível responder com liberdade e generosidade ao seu chamado.

Quarto capítulo: *Como falar: o desenvolvimento do encontro*. O autor afirma: “se devemos escutar, no encontro também é conveniente que falemos.” O acompanhamento espiritual é, portanto, uma via de mão dupla, onde se trata de expor sentimentos e pensamentos, ao mesmo tempo em que se acolhem os ensinamentos e orientações, sejam no âmbito espiritual, moral ou humano. Domínguez apresenta algumas dificuldades que o acompanhado pode encontrar ao longo dos encontros, destacando que o pior é não ter nenhum acompanhamento (p. 89). Já durante os encontros é comum sentir certo desconforto diante da novidade que se



inicia ou dos temas pessoais que serão abordados. O silêncio também aparece como uma dificuldade. Quando estamos diante de alguém que irá nos escutar, nem sempre conseguimos expressar com clareza ou temos palavras para descrever o que sentimos ou pensamos. Para o autor, o silêncio pode ter diversas causas: a dificuldade de externar algo que acontece, dificuldade de nomear algo interno, o desconhecimento sobre o que está acontecendo consigo mesmo, ou até mesmo o desânimo. Ainda assim, o silêncio é também uma forma legítima de comunicação, e o acompanhado tem o direito de permanecer em silêncio, se assim desejar. Outra dificuldade é falar demais ou falar sem dizer algo significativo. Isso revela uma falta de profundidade e certa ansiosidade (p. 98), e dificulta a comunicação entre o acompanhante e o acompanhado, perdendo sua fluidez. Por fim, Domínguez menciona a dificuldade de relacionamento, como um obstáculo possível ao longo do processo, que pode comprometer o vínculo necessário para que o acompanhamento espiritual frutifique.

Quinto capítulo: *Praticar o que foi dito no encontro*, Domínguez propõe uma perspectiva prática da experiência do acompanhado, destacando que o acompanhamento espiritual só se realiza plenamente quando seus frutos se manifestam concretamente na vida cotidiana da comunidade. Ele afirma que “cada pessoa deve vivê-la segundo a própria vocação” (p. 119), em comunhão com a Igreja e com o chamado que ela dirige aos fiéis para caminharem juntos na via comunitária da fé. A vocação pessoal, portanto, não é isolada, mas se realiza no seio da comunidade cristã, sendo este o espaço privilegiado onde o chamado de Deus se reconhece, amadurece e floresce (p. 119).

Um dos temas centrais do livro é a reflexão sobre o papel do cristão como Filho de Deus, com Domínguez afirmando que “saber-se e sentir-se filho de Deus e pessoa plenamente humana pode ser cada vez mais central na consciência de todo cristão” (p. 47). Para o autor, o cristão deve estar consciente de sua identidade divina e humana, reconhecendo em si mesmo o reflexo da espiritualidade cristã em suas ações cotidianas.

Ao longo da obra, Domínguez explora a ideia de que o acompanhamento espiritual é um processo contínuo, que não se limita a uma série de encontros ou apenas um momento de orientação, mas que faz parte de um caminho mais amplo de crescimento espiritual, pessoal e que gera transformação. Ele reflete que o acompanhamento espiritual não é um processo técnico, mas uma jornada que envolve decisão, coração e oração, momento em que a pessoa se sente chamada a refletir sobre a



sua relação com Deus, com o próximo e consigo mesma. Como também o trabalho, os estudos e outras áreas da vida cotidiana são momentos de encontro com Deus, afirmando que o principal da vida é “saber-se e sentir-se filho de Deus e pessoa plenamente humana (p. 47). Em suas palavras, a história pessoal de cada cristão é o local em que Deus se revela e no acompanhamento espiritual é fundamental reconhecer sua identidade como filho de Deus e ser plenamente humano, buscando viver essa verdade nas relações com o próximo e com o mundo ao seu redor.

No epílogo: *Deus nos acompanha em nossa vida espiritual*, nos lembra que o verdadeiro acompanhamento espiritual vai além de um simples processo de orientação: trata-se de uma experiência contínua e dinâmica de encontro com Deus, que se revela e acompanha a história pessoal de cada um. O convite é feito para que os leitores repensem a espiritualidade de forma contínua e integrada à vida, sem se limitar a momentos ou encontros pontuais, mas como uma vivência integral e dinâmica da fé.

O autor, de maneira consistente, propõe um caminho de liberdade, enfatizando que o acompanhamento não deve ser uma imposição, mas uma ajuda para que o discípulo cresça de forma autêntica na sua fé. Um dos pontos mais interessantes do livro é a ênfase na história pessoal como lugar de manifestação de Deus, o que dá uma dimensão muito humana e acessível à experiência cristã. Por outro lado, pequenas partes da obra podem parecer abstratas ou distantes para leitores que esperam uma abordagem mais prática e direta sobre como realizar o acompanhamento espiritual. Mas, claro, não é possível reduzir a uma fórmula escrita uma experiência tão subjetiva e esgotá-la de dúvidas. A reflexão sobre a liberdade do discípulo, sua relação com Deus e a importância de um acompanhamento são aspectos bem trabalhados no livro, que podem enriquecer quem já vive essa experiência ou quem quer e está disposto a viver o acompanhamento espiritual.